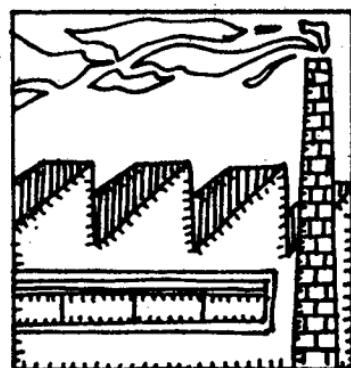


Indústria: semestre tímido

As indústrias e as entidades de classe ainda não fecharam os números relativos ao primeiro semestre. Mas as projeções indicam que as seqüelas da parada de março e abril, causada pela doença e morte do presidente Tancredo Neves e pela própria mudança de governo, da indefinição sobre a política econômica da Nova República e do tabelamento dos preços imposto pelo CIP tornam ainda prematuro falar em consolidação da reativação iniciada no ano passado.

O segmento da indústria de alimentos, por exemplo, deve ter registrado, de janeiro a junho últimos, apenas 3% de crescimento em relação ao mesmo período de 84, de acordo com os cálculos de João Franco de Camargo Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia). E, depois de fechar 84 com uma queda de 0,8%, as perspectivas para 85 continuam sombrias, com um crescimento de 3 a 4%, acrescenta, considerando que o segundo semestre também não será bom.

Entre os principais problemas do setor, Camargo Neto enumera a queda do poder aquisitivo da população, o controle de preços e os juros altos, além do período de incertezas político-econômicas, que deixa a sociedade na retaguarda, e ainda a falta de interlocutores no governo ao nível do segundo e terceiro escalões.



"TUDO DEPENDE DOS PACOTES"

Os mesmos problemas são apontados por Firmino Rocha de Freitas, presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), para quem a recuperação econômica não se consolidou, configurando-se em altos e baixos. No segmento eletro/eletroônico, de acordo com Rocha de Freitas, registrou-se no primeiro semestre uma boa queda — ainda não dimensionada — da linha branca (eletrodomésticos), em que a ociosidade se mantém em torno de 20%, e houve um equilíbrio na área de bens de consumo, sem crescimento real em comparação com janeiro/junho de 1984. Mas o desempenho mais preocupante, acrescenta, ficou por conta dos bens de capital, porque a entrada de encomendas, de longa maturação, está muito baixa e as perspectivas são de maior queda ainda para o segundo semestre, "quando tudo dependerá dos pacotes econômicos do governo".

Por sua vez, a Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (Abdib) projeta para o primeiro semestre deste ano uma pequena melhora de 2 a 3% na produção, e, para o ano todo, um crescimento de 5 a 10%, com os níveis de ociosidades mantendo-se em 46 a 47% de janeiro a junho e 50% no ano. Esse crescimento, segundo a entidade, deve-se basicamente à retomada de investimentos da iniciativa privada na diversificação de linhas de produção. Nesse panorama, o fator mais preocupante é a dívida em atra-

so das estatais das áreas ferroviária e de energia elétrica que somavam Cr\$ 549 bilhões até março.

A Associação Brasileira da Indústria Química tem estimativas de um crescimento médio de 2% na produção do primeiro semestre, comparativamente ao mesmo período de 1984, registrando grandes oscilações de desempenho: crescimento de 15% em janeiro/fevereiro, queda em março/abril, reação em maio e nova retração em junho. De acordo com a Abiquim, o segmento que representou o melhor desempenho foi o de fibras para a indústria têxtil, enquanto a produção de polímeros e tintas para a construção civil teve comportamento irregular; a indústria de adubos e defensivos agrícolas sofreu uma redução de 20% e a de termoplásticos comportou-se bem. Por seu lado, as exportações cresceram 10%, mas os preços externos diminuíram em 40%. Para o ano, o setor químico prevê um crescimento de 5 a 6% no mercado interno, enquanto a balança comercial deve manter-se no nível de 84.

DEMANDA SURPREENDE

A Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose estima para este ano um crescimento superior a 10%, projetando para janeiro/junho uma expansão de 3,16% na produção de celulose e de 7,3% na de papel — esses números, no entanto, não levam em conta a entrada em operação de novas máquinas na Suzano, Champion e CPS.

Segundo Osmar Elias Zogbi, presidente da associação paulista (cujos associados representam mais de 50% da produção nacional), houve um grande aumento, de 18 a 20%, no mercado interno de celulose de fibra curta e papéis de imprimir e escrever, cartões e cartolas, papéis absorventes e especiais, o que surpreendeu as indústrias, que contavam com uma expansão de apenas 8% e foram obrigadas a reduzir as exportações. Para o segundo semestre, após constatar-se que boa parte desse incremento se deveu à formação de estoques, os fabricantes retornarão com maior intensidade ao mercado externo, prevendo-se um aumento de 12% nas vendas internas e, para o ano, exportações equivalentes às de 1984.

Já a indústria da construção civil não teve melhor desempenho por falta de recursos para os financiamentos do Sistema Financeiro da Habitação, já que, após uma longa e grave recessão, a demanda está reaparecendo, como nota Romeu Chap Chap, presidente do Secovi. Medido pela velocidade de vendas — e o que está sendo vendido são basicamente os estoques —, o setor apresentou uma expansão de cerca de 80% em relação ao primeiro semestre de 1984, mas ainda continua distante do primeiro semestre de 82; na produção, a ociosidade deve ter caído de dois terços para 60%, calcula Chap Chap. Observam também que, em 83/84, as empresas sofreram uma descapitalização média de 30%, em função da valorização do imóvel abaixo da variação da ORTN.

O melhor desempenho do semestre foi registrado pelos segmentos de imóveis para alta renda, cujo universo, porém, é reduzido, enquanto a grande carência de oferta está na área da baixa renda (acima de dez salários mínimos). Chap Chap calcula que não dá para crescer muito mais no segundo semestre, em termos de lançamentos, exatamente pela falta de recursos para financiamentos e acredita que as perspectivas futuras dependem da política econômica do governo.